

NOVAS PERSPECTIVAS

População é agente de mudança no Bom Jardim

Na opinião de especialistas ainda faltam Políticas Públicas voltadas para região mais carente de Fortaleza

“Na época eu tinha oito anos, quando vi uma amiga fazendo bijuteria e me interessei, na verdade eu queria era roubar as continhas que formavam o colar. Foi aí que descobri o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim, pois eram de lá aqueles objetos”. Foi assim que Luís Lúcio de Sousa Neto, 22 anos, hoje educador social, conheceu pela primeira vez uma alternativa que não fosse o mundo do crime.

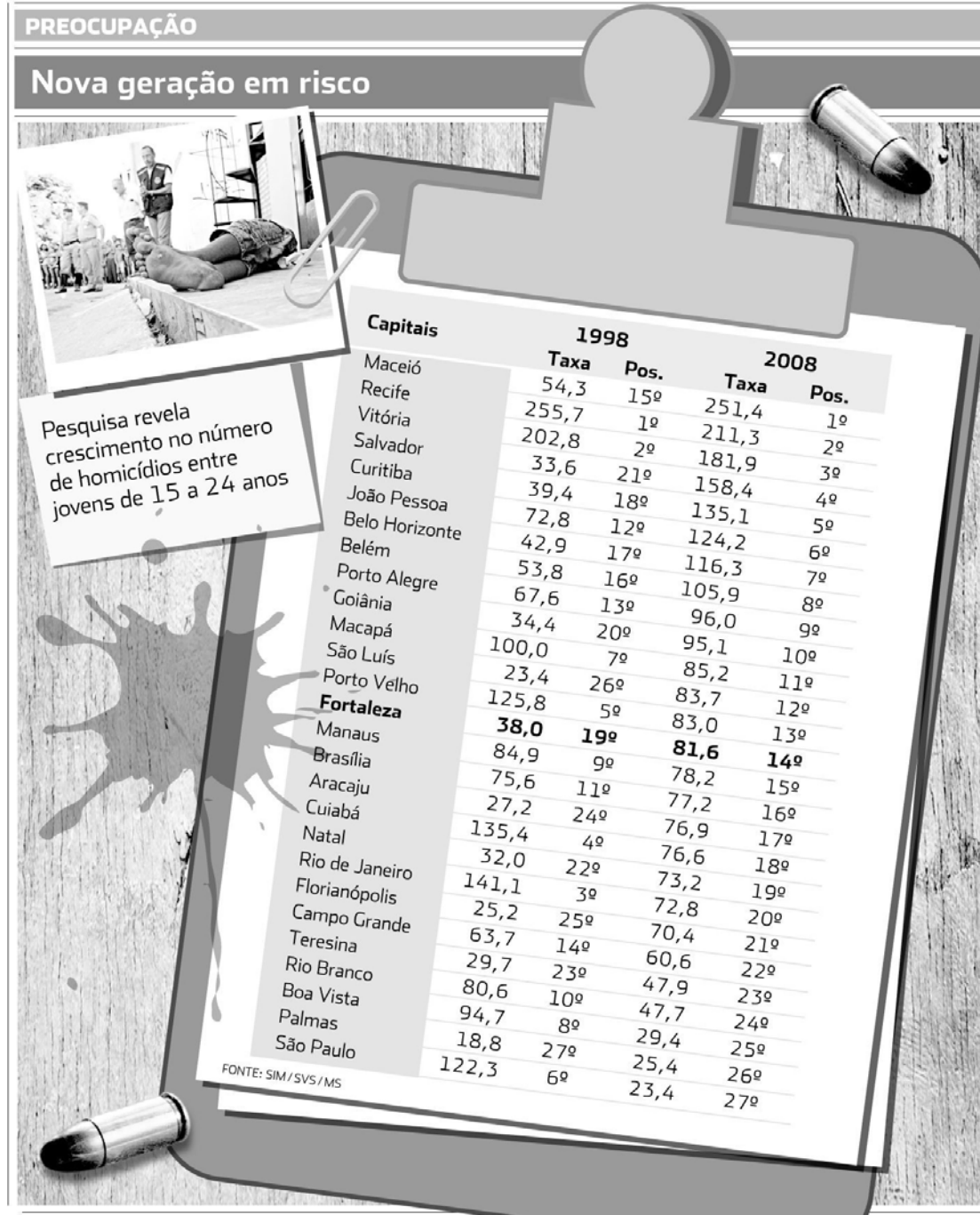
Morador do bairro Bom Jardim, uma das regiões com maiores índices de criminalidade da Capital, Lúcio contou que no outro dia foi a sede do Movimento, e de tão bem acolhido, o seu propósito inicial ficou para trás. “Eu vi que ganharia muito mais participando das atividades diárias que o movimento me oferecia, do que simplesmente roubar as continhas e ir para casa”.

Mudanças

Passaram-se alguns anos e hoje, de aluno ele passou a ser um multiplicador. Dá aulas no Organização Não Governamental (Ong) que lhe proporcionou um caminho diferente da sua realidade. “Muitos amigos meus estão presos, foragidos ou morreram. Entrei no programa ‘Sim à vida e não às drogas’ e desde lá minha vida mudou”.

Para o diretor do Movimento, Rino Bonvini, se existisse um esforço maior por parte de da gestão municipal várias histórias como a de Lúcio existiriam. Ele explicou há uma iniciativa por parte de algumas instituições, e até mesmo da Prefeitura, que tem o objetivo de reduzir os índices de violência na região e se mostram como uma alternativa aos jovens que ficam nas ruas e muitas vezes são capturados pelos traficantes.

“Na minha opinião, atitudes de prevenção, chegar antes do



crime, como escolas de tempo integral, onde possa se desenvolver outras ciências inteligentes para essa camada da população, já resolveria muita coisa”.

ONG

O Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ) funciona desde 1996, acolhe, escuta e empodera as crianças, jovens, adolescentes e adultos para perspectiva de vida. Com atuação na comu-

nidade do Grande Bom Jardim, uma região carente de espaços públicos e os que existem a comunidade não tem o sentimento de pertença.

Nesses 15 anos de trabalho, cerca de 1.500 crianças e jovens que participaram de diversos projetos como: Sim à Vida, Jovem Aprendiz, cursos de Informática e oficinas ligadas a arte, música e espetáculo, tiveram oportunidade de transformar suas vidas e serem levados a um

conhecimento, que não o da criminalidade e da droga.

Fortalecer o empoderamento e o protagonismo dessas crianças e jovens são trabalhos diariamente para que possam perceber que são capazes de escrever sua própria história e uma história feliz e no bairro onde moram. Eles atuam na prevenção, isso quer dizer, chegar antes do primeiro contato com a droga, e da sedução das coisas fáceis do crime.

A Prefeitura de Fortaleza, através da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, dispõe hoje de sete programas voltados para este público. As ações envolvem cerca de 11 mil jovens, principalmente das periferias da Capital. Dentre elas estão, o Adolescente Cidadão e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem Urbano).

Em execução

Afonso de Sousa, secretário da Coordenadoria, explica que os projetos são uma forma de minimizar o impacto de um problema maior e de prevenir que mais jovens entrem nas tristes estatísticas, como na de homicídios. “É um desafio comum a todas as cidades grandes e que possuem boa parte da população considerada jovem. A Prefeitura sabe do problema e tem trabalhado para combatê-lo”.

Segundo o secretário, a saída para esta situação pode estar em uma maior permanência das crianças e dos adolescentes na escola e na inserção do público jovem no mercado de trabalho. “A sociedade deve reagir e lutar para que este cenário não se prolongue. Precisamos ter um somatório de forças sociais atuando juntas”, afirma Afonso de Sousa.

Até o fechamento desta edição, a reportagem tentou, por diversas vezes, contato com o titular da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SS-PDS), Francisco José Bezerra Rodrigues, sem sucesso. ■

NO TRÂNSITO



Acidentes nas vias públicas também registraram aumento FOTO: ELIZÂNGELA SANTOS (21/11/2006)

Acaraú e Barbalha são as cidades mais violentas

Além do aumento no número de homicídios, o Ceará também se destacou negativamente quando o assunto foi mortes por acidentes de transporte. Segundo o “Mapa da Violência 2011”, Acaraú e Barbalha são as duas cidades que possuem o trânsito mais violento do Brasil.

Apenas em 2008, Barbalha, município localizado na região do Cariri, registrou 109 mortes. A cidade, que possui 52 mil habitantes, apresenta o trânsito mais violento na população em geral (população jovem e não jovem), visto que o índice aponta para uma taxa de 207,6 óbitos por 100 mil pessoas.

Já com relação à morte entre os jovens, Acaraú é o município mais violento. A cidade que possui cerca de 10 mil habitantes tem uma taxa de 280,3 óbitos por 100 mil pessoas.

Seguindo a tendência das duas cidades cearenses, o Nordeste é a região que possui os maiores índices de crescimento de mortes por acidentes de trânsito. Entre 1998 e 2008, conforme a pesquisa, houve um aumento de 56,1% de casos do tipo registrados. Assim, a região fica bem acima da média nacional, que apresentou um crescimento de 20,8%.

Maranhão, Paraíba, Piauí e Sergipe foram os Estados em que o número de mortes no trânsito em geral cresceu mais de 100%, no período analisado. ■

OPINIÃO

“A política pública que não considera a educação é insuficiente”

PADRE RINO BONVINI
Diretor do Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim

“Dentro do Território da Paz existem mais de 19 projetos em ação”

AURIMÁ ROCHA
Diretor geral da Guarda Municipal de Fortaleza (GMF), que participa do projeto Território da Paz

O Grande Bom Jardim é composto por cinco bairros - Granja Lisboa, Granja Portugal, Bom Jardim, Siqueira, Canindezinho. Nessa região existem exatamente 48 comunidades. Para se ter uma ideia o número de homicídios dolosos na região em 2010 foi de 282. Os crimes na área são três vezes maiores que os índices normais.

Em contrapartida, é uma área da cidade que tem mantido redes de organizações, que vão desde o envolvimento de igrejas cristãs até a mobilização de Organizações Não Governamentais (ONGs). Por estas condições, o local foi contemplado em 2009 com a primeira implantação do projeto Território da Paz em Fortaleza.

O projeto faz parte do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronas), que envolve recurso do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) da Segurança, do Ministério da Justiça. Os recursos chegam R\$ 6,7 bilhões até o fim de 2012. E atendem a população mais carente e mais exposta da Capital. ■

COMENTE

cidade@diariodonordeste.com.br

INICIATIVA

Faltam políticas públicas direcionadas para os jovens

Os dados divulgados, ontem, pelo estudo “Mapa da Violência 2011 - Os jovens do Brasil” mostram uma realidade na qual estão inseridas milhares de vidas. No contexto: baixa escolaridade, miséria, família desestruturada e envolvimento com drogas. Fatores estes determinantes para o alto índice de violência e, conseqüentemente, de homicídios entre esta população.

Para César Barreira, coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da Universidade Federal do Ceará (UFC), os assassinatos entre os jovens demonstra a falta de preparo deste público para entrar no mundo adulto. O problema ainda pode estar associado a não conclusão do Ensino Médio e a não entrada no mercado de trabalho. Aspectos que compõem assim um cenário de vulnerabilidade social.

Solução

Contudo, segundo o especialista, este quadro pode ser revertido a partir de medidas radicais, rápidas e enérgicas que devem seguir duas linhas: educação e punição. A criação de escolas de tempo integral, a disponibilidade de atividades ligadas ao esporte, lazer e cultura e castigos mais rígidos aos adultos que obrigam crianças, adolescentes



USO DE DROGAS é apontado pelo estudo do Ministério da Justiça como um dos responsáveis pela violência FOTO: THIAGO GASPARR

e jovens a cometer crimes são algumas das iniciativas propostas e que podem de alguma maneira amenizar, ou até mesmo, resolver a situação.

“Estamos vivendo um ciclo vicioso onde está, cada vez mais, presente o uso da arma de fogo e o envolvimento com as drogas, especialmente com o crack. Estes fatores diretamente influenciam no aumento do número de homicídios”, relata.

Conforme o coordenador do LEV, as políticas públicas que

vêm sendo implementadas pelos governos federal, estadual e municipal não estão conseguindo reverter o quadro de violência registrado nos últimos anos, mesmo com todo o desenvolvimento econômico pelo qual o País, inclusive o Ceará, viveu e ainda está vivendo. “Não podemos dizer que estas políticas públicas são ineficazes. Estas medidas deveriam ser mais concentradas, mais direcionadas ao seu eixo de atuação, neste caso à juventude”, enfatiza.

A opinião do especialista



ÉLCIO BATISTA - elcioelcioelcio@gmail.com

Geração perdida

O Mapa da Violência 2011 - Os Jovens do Brasil revela uma escalada preocupante da taxa de violência na população jovem de 15 a 24 anos (homicídio, acidente de trânsito e suicídio). A situação é epidêmica, e atinge em mais de 80% dos casos homens, pobres e negros. Isto revela o caráter seletivo da violência. Uma seletividade que envolve aspectos de classe social e gênero.

A relação entre virilidade, arma de fogo e droga favorece uma cultura do extermínio, que há bastante tempo vem sendo fomentada na periferia das grandes cidades e, mais recentemente, nos pequenos e médios municípios. A compreensão da crescente vitimização juvenil passa, ainda, por um duplo aspecto. Primeiro, o paradoxo entre o ciclo virtuoso vivido na economia e o aumento significativo da taxa de violência juvenil. Ou seja, os ganhos com a estabilização da economia e o crescimento econômico não se traduziram em bem-estar social e oportunidades para os jovens das classes sociais menos favorecidas. Por que isso não ocorreu? Eis a questão a ser perseguida.

Segundo, os investimentos públicos na população de zero a 15 anos é baixíssimo. O estudo do Banco Mundial Jovens em Situação de Risco no Brasil (2007) mostra que a atual estratégia de investimento social favorece os mais velhos em detrimento dos mais jovens. Este quadro geral torna-se ainda mais crítico quando restringimos a análise ao Nordeste e, especialmente, ao Ceará.

A tendência de crescimento da violência juvenil, aliada à fragilidade institucional e econômica, configura um desafio e uma responsabilidade sem precedentes para os gestores públicos. Superar este quadro de contradições e paradoxos é única forma para não perdermos mais uma geração.

*SOCIOLOGO